



**UNEB**

UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LITERATURA E ARTES – DLLARTES  
CAMPUS II – ALAGOINHAS  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

TAINÁ SANTOS DE ALMEIDA

**LINGUAGEM COLOQUIAL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) EM  
DUAS COMUNIDADES SOTEROPOLITANAS:  
ESCREVIVÊNCIA DE UMA OUVINTE COM LIBRAS COMO L1**

ALAGOINHAS

2025



LINGUAGEM COLOQUIAL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) EM  
DUAS COMUNIDADES SOTEROPOLITANAS:  
ESCREVIVÊNCIA DE UMA OUVINTE COM LIBRAS COMO L1

TAINÁ SANTOS DE ALMEIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Colegiado de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas  
da Universidade do Estado da Bahia, Campus II, como  
requisito parcial para obtenção do título de Licenciada  
em Letras.

Orientador: Me. Bruno Silva Pedra da Rocha

ALAGOINHAS

2025

## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a Dário da Silva Teixeira Filho (in memoriam), que me ensinou que família transcende laços de sangue e se firma, sobretudo, na escolha de permanecer quando tudo parece desabar. Peço-te a bênção, como tantas vezes fiz em vida. Hoje, porém, afirmo ao mundo que minha bênção sempre foi dada e recebida com a inteireza de um gesto paterno. Amo-te, negrão, e ouvir Alcione nos churrascos seguirá sendo sinônimo da tua presença que persiste. Agradeço a José Bispo de Oliveira e a Regilice Soares dos Santos, que constituíram a família Santos de Oliveira, meu berço e meu lugar. “Lá em casa” sempre será meu ponto de partida e retorno, independentemente de para onde eu vá. Cada pessoa que carrega esses sobrenomes é parte da mulher que me tornei. Mesmo quando precisei ser adulta entre meus adultos, reconheci em vocês traços que também são meus, pois o fruto raramente cai longe do pé — e talvez por isso eu pesquise o que pesquise. A Joalice Santos de Oliveira agradeço por ter me ensinado que “Todo mundo é muito mundo! . E, como quem gera vidas, gerou em mim coragem, lucidez e, acima de tudo, o respeito necessário para aprender e, então, ser respeitada.

Leonardo de Oliveira Bandeira, que talvez ainda não compreenda, reconheço como meu par de asas. Diferente de Ícaro, trago as asas que enfrentam o sol, pois carrego no próprio nome uma força: Tainá, estrela do dia. Sou, portanto, o lume que me guia — farei do meu brilho um caminho a ser visto e percorrido, sem a pretensão de cegar ninguém nem a mim mesma. Aos companheiros e companheiras de residência, peço perdão por não nomear todos, mas cada um saberá onde se encontra nestas linhas. Agradeço pelos cafés, pelos pedaços de bolo, dormidas coletivas, filmes ruins, discussões sobre as nomenclaturas baianas, e pelos tantos aprendizados de resistência e união. Levo comigo a certeza de que dividir é, de fato, multiplicar.

A Iasmine Cristina, Thaísa Santoro e Barbara, agradeço por, apesar da distância dos corpos, reafirmarem que o afeto é tecnologia de sobrevivência. Com vocês aprendi que amor e paixão são forças para serem sentidas e proclamadas sem pudor.

À família Macêdo e à família Mimoso, deixo minha gratidão pelo acolhimento, pela confiança em meu percurso, por acreditarem na minha potência cotidiana e por celebrarem comigo conquistas que outrora eu deixaria passar despercebido.

A todos os citados — e aos tantos que não couberam aqui — saibam que vos amo. Minha gratidão permanece e se desdobra.

“Eloquência e sabedoria toda vez que eu falar, humildade pra fazer silêncio quando eu não acrescentar.

[...]Que o meu corpo seja parte do propósito do universo em mim, que eu seja o que meus ancestrais sonharam, e que seja sempre assim”

-Bia Ferreira

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>8</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>9</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2. PROBLEMA</b> .....	<b>15</b>
<b>3. HIPÓTESE</b> .....	<b>15</b>
<b>4. OBJETIVO GERAL</b> .....	<b>16</b>
<b>5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b> .....	<b>16</b>
<b>6. JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>16</b>
<b>7. METODOLOGIA</b> .....	<b>17</b>
7.1 Natureza da pesquisa.....	17
7.2 Procedimentos metodológicos.....	18
a) Revisão bibliográfica.....	18
b) Observações informais (escrivivência).....	19
c) Análise descritiva e interpretativa.....	19
7.3 Delimitações éticas.....	21
7.4 Estrutura da análise.....	21
<b>5.2 SOCIOLINGUÍSTICA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA</b> .....	<b>22</b>
<b>5.3 VARIAÇÃO EM LÍNGUAS DE SINAIS</b> .....	<b>24</b>
<b>5.4 CULTURA SURDA E IDENTIDADE</b> .....	<b>26</b>
<b>5.5 ESCRIVIVÊNCIA</b> .....	<b>28</b>
<b>6 DESENVOLVIMENTO / ANÁLISE</b> .....	<b>30</b>
<b>6.1 A LIBRAS COMO LÍNGUA VIVA: ENTRE O FORMAL E O COTIDIANO</b> .....	<b>30</b>
<b>6.2 INTENSIFICAÇÃO DAS EXPRESSÕES NÃO MANUAIS</b> .....	<b>31</b>
<b>6.3 CLASSIFICADORES COMO FERRAMENTA DE ECONOMIA E DRAMATIZAÇÃO</b> ....	<b>32</b>
a) Economia linguística.....	33
b) Dramatização e expressividade.....	34
c) Criação e adaptação comunitária.....	35
d) Circulação entre jovens.....	35
<b>6.4 COMPACTAÇÃO FONOLÓGICA NA LIBRAS COLOQUIAL</b> .....	<b>35</b>
a) Redução de movimento.....	36
b) Redução de ponto de articulação (PA).....	36
c) Fusão de sinais adjacentes.....	37
d) Motivações sociolinguísticas.....	37
e) Diferenças entre as comunidades.....	38
Federação:.....	38
Boca do Rio:.....	38
<b>6.5 GÍRIAS, EXPRESSÕES LOCAIS E DIFERENÇAS ENTRE BOCA DO RIO E FEDERAÇÃO</b> .....	<b>38</b>
a) Gírias na LIBRAS: inovação, juventude e circulação comunitária.....	39
b) Expressões locais e territorialidade linguística.....	40
Boca do Rio.....	40
Federação.....	40
c) Estilo de sinalização e construção de identidade.....	41

d) Gírias como resistência e criatividade.....	41
e) Diferenças comparativas entre os bairros (síntese).....	42
f) Importância linguística.....	43
<b>7. CONCLUSÃO.....</b>	<b>43</b>

---

<sup>1</sup>Graduanda do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), <sup>2</sup>Orientador: Me. Bruno Silva Pedra da Rocha. Endereço eletrônico: <sup>1</sup>[tainaalmeidaoluka@gmail.com](mailto:tainaalmeidaoluka@gmail.com) e <sup>2</sup>[brunopedra2014@live.com](mailto:brunopedra2014@live.com)

## **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga o uso da linguagem coloquial na Língua Brasileira de Sinais (Libras) em duas comunidades surdas da cidade de Salvador: Boca do Rio e Federação. A partir da escrivência da autora — pessoa ouvinte com a Libras como primeira língua — e de uma revisão bibliográfica que abrange linguística, sociolinguística e estudos culturais, busca-se compreender como a coloquialidade se manifesta no uso cotidiano da língua e quais elementos linguísticos caracterizam esse registro. A análise demonstra que o registro coloquial incorpora intensificação de expressões não manuais, uso dinâmico de classificadores, compactação fonológica, criação de gírias e variações territoriais. Os resultados reforçam que a LIBRAS é uma língua viva, marcada por diversidade interna, criatividade e identidade comunitária. Evidenciam ainda a necessidade de estudos que documentem registros informais da língua, frequentemente ausentes em materiais didáticos e pesquisas formais.

**Palavras-chave:** Libras. Linguagem coloquial. Sociolinguística. Comunidade Surda. Salvador.

## ABSTRACT

This undergraduate thesis investigates the use of colloquial language in the Brazilian Sign Language (Libras) within two Deaf communities in Salvador, Bahia: Boca do Rio and Federação. Drawing on the author's *escrivivência*—a lived experience as a hearing person whose first language is Libras — and on a bibliographic review encompassing linguistics, sociolinguistics, and cultural studies, this research examines how colloquiality appears in everyday language use and which linguistic elements characterize this register. The analysis shows that the colloquial register incorporates intensified non-manual markers, dynamic use of classifiers, phonological reduction, the creation of slang, and territorial variation. The results emphasize that LIBRAS is a living language marked by internal diversity, creativity, and community identity. They also highlight the need for studies that document informal language registers, often absent from teaching materials and formal academic research.

Keywords: Libras. Colloquial Language. Sociolinguistics. Deaf Community. Salvador.

## 1. INTRODUÇÃO

### OUVIDOS ATENTOS A VOZES SILENCIOSAS: DA FAMÍLIA AO MUNDO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida oficialmente como a língua das pessoas surdas no Brasil em 2002, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril daquele ano, no entanto, a Libras já era amplamente utilizada pela comunidade surda brasileira muito antes desse reconhecimento formal, uso da escrevivência para trazer mais uma escrita viva de uma criança negra nascida em 1995. A escrevivência é termo utilizado pela linguista e escritora mineira Maria da Conceição Evaristo no ano de 2016 com o intuito de incluir não só a oralidade como importante aspecto a ser considerado dentro dos meios acadêmicos, mas também valorizar as escritas advindas de vivências.

Nasci no bairro da Boca do Rio, situado na cidade de Salvador, neta de pescador José Bispo de Oliveira, filho de Marciana Alves de Oliveira e com o lugar de pai como “desconhecido” em sua certidão, e de uma empregada doméstica Regilice Soares dos Santos, filha de Flora Maria dos Santos e de Manoel Soares, mais conhecido pelas redondezas como “Lampião”; juntos tiveram sete filhos, sendo eles: Telma, Ataíde, Wellington, Tânia, Ivânia, Joalice e André; todos carregando Santos e Oliveira no sobrenome, e desses filhos nasce o primeiro fruto, o fruto Eu, inicialmente pensavam que era alguma doença da minha genitora, depois descobriram que crescia um embrião que até um ponto sabiam que sem dúvidas seria uma criança negra, passado um tempo uma menina, que primeiro foi registrada que nem o avô, e carregou o sobrenome dos tios, era Tainá Santos de Oliveira, e pai “Desconhecido”, após sete anos tornou-se então Tainá Santos de Almeida, reconhecida pelo genitor, que modéstia parte preferia manter o Oliveira, por ter sido criada no núcleo materno até a vida adulta. Criada em uma casa com tantas vozes, ouvidos, havia uma única pessoa que não a ouvia, e não era por má intenção, mas que vinha desde o momento que saiu do útero da sua mãe, que era a perda auditiva, no caso, Tânia, ou seja, minha mãe. Ainda como criança fui muito ágil para aprender as coisas, queria me comunicar com o mundo e entender tudo que falavam, e queria ser escutada, uma das primeiras frustrações já entre os dez e onze anos, era que meus avós, meus tios não conseguiam se comunicar com a minha mãe, com cinco anos

eu já estava alfabetizada em casa, lia e escrevia bem, e o que era impressionante aos adultos que eu enxergava como gigantes, era eu ser tão pequena e falar em Língua de sinais, ao invés de mímica, passava férias escolares no trabalho de minha mãe e ficava horas na repartição da biblioteca usando a máquina de escrever, mexendo em documentos que não faziam sentido nenhum pra mim, mas eu ficava escrevendo várias palavras que não entendia, para que no fim do expediente perguntar pra mainha como falar aquilo em Libras, às vezes eu descrevia os sinais que eu via entre diálogos em volta naquela máquina de escrever, para não esquecer de perguntar para algum adulto o que era, cresci entre a comunidade surda e os ouvintes, tive uma educação bilíngue, e sempre enxerguei como algo normal. Lembro-me de brigar na escola por ouvir colegas dizerem que minha mãe era maluca porque ela não ouvia, mas como lá em casa tem um lema que acredito que diz muito de onde cada ser humano vem, eram as seguintes frases “Se você chegar em casa apanhada, vai apanhar ainda mais, para aprender a não apanhar dozoto” e “Eduque os seus, que eu vou ensinar os meus a bater!” ou seja, minha arma de defesa literalmente era exalar minha revolta de que minha mãe era surda, e realmente entrava em brigas corporais, nunca cheguei em casa apanhada, mas foi o único meio que encontrei de educar meu colegas da escola, afinal de contas, nem a direção, coordenação muito menos os educadores faziam ideia de como ensinar aos educandos que ninguém nascia igual, que a linha era tênue entre a sanidade e a loucura, e muito menos tinham noção de como conversar com Tânia. A neta mais velha tinha o nome chamado em casa como se fosse um doce do melhor sabor, “Tainá, sua mãe está falando o quê?” e trinta anos depois, seguem dizendo no bairro em que nasci e me criei, inclusive dentro do meio familiar que sou filha da “muda”, sendo que desde o momento que alguém emite som a mudez inexistente, sigo na tentativa de correção sempre, de que ela é surda, e que surdo não é uma ofensa, assim como para várias memórias houve ressignificação de diversos termos, assim como “preto” se tornou orgulho para pessoas de pele retinta e “sapatão” para mulheres lésbicas. É um caminho linguístico pouco comum, mas incrivelmente enriquecedor: o de uma pessoa ouvinte que teve a Libras como primeira língua. Imagine nascer e crescer em um lar ou comunidade onde a comunicação predominante, o aconchego familiar, as primeiras brincadeiras e os laços de afeto são tecidos não por palavras faladas, mas por gestos, expressões faciais e movimentos no espaço. Para mim, essa foi a realidade. A Libras não foi uma segunda língua aprendida na escola, mas sim a língua da minha família, do meu dia a dia mais íntimo, minha jornada linguística começou com as mãos. Os sinais eram o meu vocabulário inicial, a forma como eu pedia comida, expressava alegria ou frustração, meu cérebro se moldou para processar informações visuo-espaciais antes mesmo de articular os

primeiros sons complexos em português. As nuances da gramática da Libras, suas construções e sua poesia intrínseca, foram as bases da minha compreensão do mundo. Era natural para mim que as pessoas se comunicassem através dos sinais; o mundo dos ouvintes, com suas vozes, veio como uma segunda descoberta, um universo sonoro que se abria gradualmente, essa experiência me deu uma perspectiva única sobre a linguagem em si. Percebi desde cedo que a comunicação vai muito além do som. Vi a profundidade das expressões visuais, a riqueza de uma cultura que se manifesta através das mãos e do corpo, essa imersão me proporcionou uma fluência e uma naturalidade na Libras que muitos ouvintes que a aprendem tardiamente dificilmente alcançam. Viver entre a comunidade surda, tendo a Libras como L1, e depois navegar no mundo dos ouvintes com o português (L2) trouxe tanto desafios quanto privilégios. O principal desafio foi, talvez, a transição entre essas duas lógicas linguísticas e culturais, embora o português seja a língua majoritária, minha mente operava inicialmente com a estrutura da Libras, isso podia gerar pequenas "interferências" ou formas de pensar diferentes ao expressar-me em português, mas nada que uma boa adaptação não resolvesse.

O grande privilégio, no entanto, é ser uma ponte, tenho a capacidade de transitar fluidamente entre dois universos culturais e linguísticos, entendo não apenas os sinais, mas a cultura surda em sua essência, seus valores, suas piadas e suas dores. Essa vivência me permite atuar como um elo genuíno, seja em contextos sociais, educacionais ou profissionais, contribuindo para a inclusão e a quebra de barreiras de comunicação. Sinto que minha identidade é enriquecida por essa dualidade, por ter o privilégio de ver e sentir o mundo de duas formas tão distintas e belas.

“Ensinar surdos é menos difícil do que normalmente se supõe. Apenas temos que introduzir nas suas mentes através dos olhos o que tem sido introduzido nas nossas próprias mentes através dos ouvidos” (CARVALHO, 2013, p. 19 APUD L'ÉPÉE, 1784).

A língua de sinais surgiu de forma natural, e é falada em diversas regiões do mundo, cada uma obtém suas características, assim como qualquer outra língua, a Língua Brasileira de Sinais é a segunda língua de sinais mais falada e estudada no mundo, a primeira é a American Sign Language (ASL), a língua utilizada pela comunidade surda norte americana.

O primeiro grande estudioso reconhecido da língua de sinais é o Charles Michel de l'Épée, que formou-se em Teologia aos dezessete anos, e sempre praticou o alfabeto manual francês na escola, na vida adulta criou a primeira escola pública para surdos chamada de

"Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris" fundada em 1760. Na cidade de Salvador há a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos da Bahia (APADA-BA), fundada em 1969, com o intuito de atender educacionalmente jovens surdos, familiares e deficientes auditivos, situada no bairro do Rio Vermelho, mas que atende diversas comunidades da cidade de Salvador-BA, com foco principal de atuação em atividades de associações de defesa de direitos sociais.

Contrário do que o filósofo Aristóteles disseminou sobre as pessoas surdas, o médico e matemático Girolamo Cardano deixou em suas pesquisas e escrita um legado que deu um novo direcionamento ao que pensavam sobre essas pessoas, as tornando visíveis, sociáveis, educáveis, e aptos ao convívio social.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui um sistema linguístico pleno, complexo e dinâmico, reconhecido oficialmente no Brasil por meio da Lei nº 10.436/2002 e regulamentado pelo Decreto nº 5.626/2005. Muito antes desse reconhecimento legal, a Libras já circulava de forma viva nas comunidades surdas do país, sendo transmitida em práticas culturais, afetivas e educacionais. Como toda língua natural, apresenta variação fonológica, morfológica, lexical e pragmática, influenciada por fatores sociais, históricos e territoriais. Entre essas variações, destaca-se o registro coloquial, amplamente utilizado em interações espontâneas, mas ainda pouco descrito pela literatura acadêmica.

Este estudo parte de uma perspectiva singular: a escrevivência da autora, uma pessoa ouvinte que cresceu imersa na comunidade surda, tendo a Libras como primeira língua (L1). Essa vivência estruturou não apenas sua competência linguística, mas também sua forma de perceber o mundo, constituindo um entre-lugar identitário (BHABHA, 1998) onde as fronteiras entre o ser ouvinte e o ser culturalmente surdo se tornam permeáveis. A experiência de transitar entre o universo auditivo e o visual possibilita contato íntimo com nuances, ritmos e expressões próprias da Libras cotidiana, especialmente no registro coloquial.

Em Salvador, a Língua de Sinais é utilizada em contextos comunitários diversos: associações de surdos, escolas bilíngues, igrejas, redes digitais e encontros informais em bairros marcados por forte identidade territorial. Entre eles, destacam-se Boca do Rio e Federação, comunidades nas quais esta pesquisa se apoia. Cada uma apresenta práticas

culturais e redes de sociabilidade específicas que influenciam o modo como a língua é usada, adaptada e reinventada.

A linguagem coloquial — entendida como o uso espontâneo, fluido, expressivo e informal da língua — assume importância central na comunicação cotidiana entre sinalizantes. Como nas línguas orais, a coloquialidade na Libras manifesta-se por meio de gírias, expressões idiomáticas, intensificação de expressões não manuais, uso criativo de classificadores, encurtamentos fonológicos e variações regionais. Entretanto, mesmo sendo um registro amplamente presente no cotidiano da comunidade surda, permanece subdocumentado pelos materiais didáticos e por boa parte da produção acadêmica.

Diante dessa lacuna, este trabalho busca compreender como a linguagem coloquial se manifesta na Libras utilizada por pessoas surdas residentes nos bairros Boca do Rio e Federação, investigando de que modo fatores socioculturais e identitários influenciam esse registro. Parte-se de um problema central: como a linguagem coloquial é utilizada na Libras pelas comunidades surdas dos bairros Boca do Rio e Federação, em Salvador, Bahia?

A hipótese que orienta este estudo é que a produção acadêmica sobre variação e coloquialidade na Libras é insuficiente, especialmente no recorte baiano, e que o registro informal desempenha papel essencial na constituição da identidade e pertencimento das comunidades surdas. A linguagem coloquial, portanto, não é apenas forma descontraída de comunicação, mas elemento cultural e sociolinguístico constitutivo.

O objetivo geral consiste em analisar a presença e as características da linguagem coloquial na Libras nas comunidades estudadas. Para isso, são definidos objetivos específicos como descrever elementos linguísticos do registro coloquial, identificar expressões e sinais característicos dessas comunidades e compreender como fatores sociais influenciam a variação.

Combinando revisão bibliográfica, análise descritiva e escrivência, este estudo pretende contribuir para o campo dos estudos linguísticos da Libras, ampliando a documentação da língua em sua forma mais viva e dinâmica. Assim, reforça-se que a Libras não é apenas objeto formal de ensino, mas prática cultural em constante transformação.

“A história das línguas de sinais e da educação dos surdos demonstra quão difícil foi, e ainda é, em alguns aspectos, a compreensão e a aceitação da sociedade ouvinte quanto à importância da língua de sinais para a comunidade surda. Desde a

Grécia Antiga (360 a.C. - 355 a.C.) pensadores como Aristóteles acreditavam que por não desenvolverem a linguagem oral os surdos eram naturalmente incapazes de raciocinar e que a inteligência só poderia ser desenvolvida e manifestada dessa forma, conseqüentemente, muitos surdos foram marginalizados e até mesmo condenados à morte por não serem “úteis” à Polis” (Carvalho, 2013)

## **2. PROBLEMA**

Embora a linguagem coloquial seja amplamente utilizada nas interações cotidianas da comunidade surda, especialmente em ambientes informais, ainda há escassez de estudos que descrevam sistematicamente esse registro em contextos regionais específicos. Em Salvador, onde comunidades surdas se organizam em territórios marcados por identidades próprias, observa-se a produção de sinais, expressões e usos coloquiais não registrados em materiais didáticos ou em descrições formais da língua.

Diante disso, o problema que orienta esta pesquisa é:

Como a linguagem coloquial é utilizada na Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelas comunidades surdas dos bairros Boca do Rio e Federação, em Salvador, Bahia?

## **3. HIPÓTESE**

A hipótese que sustenta este estudo é que existe uma lacuna significativa na produção acadêmica sobre a variabilidade coloquial da Libras, especialmente no contexto soteropolitano. Supõe-se que:

- o registro coloquial é amplamente usado na comunicação diária, porém permanece pouco documentado;
- ambientes formais — como escolas, cursos de LIBRAS e formações de intérpretes — tendem a privilegiar a variedade padrão, contribuindo para a invisibilização dos usos informais;

- fatores socioculturais, como território, idade, redes digitais e relações comunitárias, influenciam diretamente a produção de sinais coloquiais.

Assim, considera-se que a linguagem coloquial na LIBRAS é elemento estruturante da identidade surda e parte essencial do repertório comunicativo comunitário, ainda pouco reconhecido pela literatura.

#### **4. OBJETIVO GERAL**

Analisar a presença, os usos e as características da linguagem coloquial na Língua Brasileira de Sinais - Libras nas comunidades surdas dos bairros Boca do Rio e Federação, em Salvador.

#### **5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a) Identificar e descrever elementos linguísticos característicos da linguagem coloquial na Libras;
- b) Compreender como fatores sociais, culturais e territoriais influenciam o uso coloquial;
- c) Examinar sinais e expressões coloquiais observados nas comunidades estudadas;
- d) Relacionar tais fenômenos aos estudos linguísticos e à cultura surda;
- e) Contribuir para a documentação e valorização de variações informais da Libras.

#### **6. JUSTIFICATIVA**

A linguagem coloquial constitui parte essencial das línguas naturais, pois emerge das práticas espontâneas, das relações de intimidade e dos contextos informais. Em línguas sinalizadas, esse registro assume papel ainda mais expressivo, já que mobiliza simultaneamente elementos manuais e não manuais, classificadores, movimentos espaciais e recursos corporais.

No caso da Libras, o registro coloquial é inerente à comunicação cotidiana das comunidades surdas, mas ainda é pouco estudado e raramente contemplado em materiais

didáticos ou diretrizes de ensino. Essa ausência produz uma visão limitada da língua, que tende a priorizar normas formais e a desconsiderar a diversidade interna e criativa do uso real da Libras

A escolha das comunidades da Boca do Rio e da Federação se justifica pela forte identidade territorial desses bairros e pela dinâmica comunitária marcada por redes de afeto, convivência e circulação cultural. Essas características influenciam diretamente a produção de variações linguísticas, incluindo gírias, expressões locais e adaptações fonológicas.

Além disso, ao adotar a escrevivência como abordagem metodológica, esta pesquisa reconhece a vivência da autora como fonte legítima de conhecimento — especialmente por sua posição singular como pessoa ouvinte com LIBRAS como primeira língua, inserida desde a infância em espaços comunitários surdos. Essa perspectiva não substitui o rigor acadêmico, mas o amplia, oferecendo sensibilidade analítica e compreensão contextual.

Por fim, a relevância deste estudo estende-se à educação bilíngue, à formação de intérpretes, à linguística aplicada e aos estudos culturais, contribuindo para uma compreensão mais ampla, realista e respeitosa da Libras como língua viva, plural e identitária.

## **7. METODOLOGIA**

A metodologia adotada neste trabalho combina uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, com elementos da escrevivência da autora e uma revisão bibliográfica ampla. O objetivo é compreender o registro coloquial da LIBRAS a partir de sua manifestação cotidiana nas comunidades surdas estudadas, respeitando os limites éticos e metodológicos de pesquisas sem coleta formal de dados.

### **7.1 Natureza da pesquisa**

Esta pesquisa é qualitativa, pois busca analisar fenômenos linguísticos em profundidade, considerando significados, práticas sociais e contextos culturais. Conforme Bogdan e Biklen (1994), abordagens qualitativas valorizam processos e interpretações, enfatizando a compreensão de experiências e usos da linguagem — aspectos centrais quando se trata de uma língua viso-espacial como a Libras.

Trata-se também de uma pesquisa descritiva, pois tem como finalidade documentar e interpretar características específicas da linguagem coloquial, sem pretensão de quantificação ou generalização estatística.

## **7.2 Procedimentos metodológicos**

A pesquisa organiza-se em três frentes complementares:

### **a) Revisão bibliográfica**

Foram consultados livros, artigos, teses, dissertações e documentos legais relacionados a:

- linguística da LIBRAS;
  
- variação e sociolinguística;
  
- cultura e identidade surda;
  
- classificadores e fonologia da LIBRAS;
  
- linguagem coloquial;
  
- escrevivência como perspectiva epistemológica.

Autores como Quadros e Karnopp (2004), McCleary e Viotti (2015), Evaristo (2008), Strobel (2008), Bagno (2004; 2011) e Labov (1972; 2008) fundamentam teoricamente este estudo.

## **b) Observações informais (escrevivência)**

A escrevivência atua como lente para observar e interpretar a língua em contexto real, permitindo que a vivência da autora enquanto pessoa ouvinte com LIBRAS como L1 contribua para:

- identificar sinais coloquiais recorrentes;
- perceber variações entre Boca do Rio e Federação;
- reconhecer expressões corporais intensificadas;
- diferenciar registros formais e informais;
- compreender gírias e usos espontâneos entre jovens.

Não houve entrevistas, gravações ou coletas de dados identificáveis, garantindo conformidade ética.

## **c) Análise descritiva e interpretativa**

A análise ocorreu em duas etapas principais:

1. Descrição linguística, focalizando:

- expressões não manuais;
- classificadores;
- compactações fonológicas;
- gírias e expressões informais;
- variações regionais.

2. Interpretação sociolinguística, considerando:

- identidade e pertencimento;
- territorialidade;
- circulação de sinais na internet;

- influência das redes de sociabilidade.

A análise segue princípios da sociolinguística variacionista, adaptados à modalidade viso-espacial da LIBRAS.

### **7.3 Delimitações éticas**

Como não houve coleta formal de dados com participantes identificáveis, não foi necessária submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Todas as referências a exemplos linguísticos são descrições estruturais, sem qualquer identificação pessoal.

### **7.4 Estrutura da análise**

A metodologia adotada permite:

- documentar fenômenos característicos da coloquialidade;
- articular teoria e experiência;
- compreender aspectos socioculturais que influenciam a variação;
- analisar a língua como prática social viva.

Essa abordagem reafirma que o estudo da Libras deve considerar não apenas descrições formais, mas também os modos reais de uso que emergem das experiências cotidianas das comunidades surdas.

## **5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## 5.1 A Libras Como Língua Natural

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é reconhecida oficialmente como língua natural desde a promulgação da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005. Contudo, sua legitimidade linguística antecede esses dispositivos legais, estando fundamentada em pesquisas que demonstram sua estrutura fonológica, morfológica e sintática própria (STOKOE, 1960; QUADROS; KARNOPP, 2004).

Por ser uma língua de modalidade **viso-espacial**, a LIBRAS organiza sua gramática por meio de parâmetros como configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões não manuais. Essas expressões — olhos, sobrancelhas, boca, tronco — exercem funções gramaticais essenciais, como marcação de perguntas, advérbios, intensificação e modalização (McCLEARY; VIOTTI, 2015).

A simultaneidade é um traço distintivo da língua de sinais: diferentes camadas de informação podem ser transmitidas ao mesmo tempo, o que faz com que recursos corporais funcionem como elementos linguísticos complexos. Assim, a LIBRAS não é uma “tradução do português”, tampouco um sistema visual auxiliar; trata-se de uma língua natural completa, com regras próprias de formação de sinais, processos morfológicos produtivos e sintaxe independente (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Apesar disso, grande parte da produção didática e formal tende a priorizar um “padrão escolar” da LIBRAS, frequentemente descolado das práticas cotidianas das comunidades surdas. Essa distância entre o formal e o real reforça a importância de estudos que abordem registros informais — especialmente o coloquial — onde a língua se mostra mais viva, criativa e dinâmica.

## 5.2 SOCIOLINGUÍSTICA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A sociolinguística, consolidada a partir dos estudos de William Labov (1972; 2008), parte da compreensão de que toda língua é heterogênea e variável, sendo influenciada por fatores sociais, culturais, geográficos, geracionais e situacionais. A variação não é um “desvio” da norma, mas uma característica natural de qualquer língua viva. Nesse sentido, falar em “língua homogênea” é, para Labov, uma abstração teórica, pois toda comunidade real produz múltiplas formas de dizer.

Autores brasileiros como Tarallo (1985), Bagno (2004; 2011) e Possenti (1996) reforçam essa perspectiva, argumentando que a variação linguística é inevitável e constitutiva das práticas comunicativas. Para Bagno (2011), por exemplo, o preconceito linguístico surge justamente quando uma variedade — geralmente associada a grupos dominantes — é tomada como única válida, em detrimento das demais.

A sociolinguística também distingue diferentes tipos de variação, entre eles:

- variação diatópica (entre regiões);
- variação diastrática (entre grupos sociais);
- variação diafásica (entre situações formais e informais);
- variação diageracional (entre faixas etárias).

Essas dimensões ajudam a compreender por que o registro coloquial costuma ser mais dinâmico, criativo e expressivo, sendo um espaço privilegiado de construção identitária.

No contexto da LIBRAS, embora a produção acadêmica ainda esteja se consolidando, os princípios sociolinguísticos aplicam-se plenamente: há diferenças regionais, geracionais, situacionais e sociais na maneira como pessoas surdas sinalizam. Além disso, como a LIBRAS é uma língua de modalidade viso-espacial, muitos fenômenos de variação aparecem não apenas nos sinais manuais, mas também no corpo, no ritmo, nas expressões faciais e nos usos do espaço.

No registro coloquial, essas variações tornam-se ainda mais evidentes, pois os falantes têm maior liberdade para usar recursos expressivos, encurtar movimentos, criar gírias, intensificar expressões não manuais e adaptar sinais à velocidade da conversa. Assim, a

sociolinguística fornece o arcabouço necessário para compreender a linguagem coloquial na LIBRAS como manifestação legítima da língua — e não como deformação ou uso inadequado.

### **5.3 VARIAÇÃO EM LÍNGUAS DE SINAIS**

As línguas de sinais, assim como as línguas orais, apresentam ampla variação interna. Estudos clássicos de Stokoe (1960) e pesquisas posteriores realizadas no Brasil por Quadros e Karnopp (2004) demonstram que a LIBRAS possui um sistema linguístico completo, sujeito a mudanças e influências sociais, culturais e territoriais. A variação, portanto, é componente natural da língua e reflete as experiências, identidades e práticas comunicativas da comunidade surda.

A modalidade viso-espacial da LIBRAS acrescenta especificidades importantes ao fenômeno da variação. Diferentemente das línguas orais, a dimensão visual permite que elementos corporais — como expressões faciais, movimento do tronco, postura e uso do espaço — funcionem como componentes linguísticos produtivos. Isso significa que a variação não ocorre apenas na configuração de mãos ou na forma dos sinais, mas também:

- na intensidade das expressões não manuais;
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
- na amplitude dos movimentos;
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
- no direcionamento espacial;
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
- na velocidade e fluidez da execução;

- no uso de classificadores;
- na simultaneidade de informações.

Em ambientes informais, tais elementos tornam-se ainda mais evidentes, configurando o registro coloquial.

Estudos como os de Bezerra e Macedo (2010) e Araújo (2015) mostram que comunidades surdas desenvolvem gírias, abreviações, adaptações regionais e usos próprios que muitas vezes não aparecem em livros didáticos. Jovens surdos, especialmente em grandes centros urbanos, atuam como agentes de inovação linguística, criando sinais que se disseminam rapidamente por redes sociais e encontros comunitários.

Além da variação lexical — manifestações mais “visíveis”, como gírias ou substituição de sinais — há processos mais sutis, como:

- compactação fonológica, na qual movimentos são reduzidos para agilizar a conversa;
- assimilação de pontos de articulação;
- fusão entre sinais adjacentes;
- reinterpretação de classificadores;

- expressividade ampliada, resultando em construções visualmente dramáticas.

Esses fenômenos, comuns em línguas de sinais ao redor do mundo, são particularmente acentuados na LIBRAS coloquial usada por comunidades surdas metropolitanas.

Em Salvador, como analisado neste trabalho, as comunidades da Boca do Rio e da Federação apresentam diferenças perceptíveis na forma de sinalizar. Tais diferenças se relacionam a fatores como territorialidade, convivência cotidiana, redes sociais, espaços de aprendizagem e circulação de surdos por ambientes distintos — elementos centrais para a linguística de variação.

Assim, compreender a variação em línguas de sinais permite reconhecer a LIBRAS como língua viva, plural e em constante transformação. A documentação desses usos cotidianos é fundamental para valorizar a produção linguística real das comunidades surdas, indo além do modelo formal frequentemente ensinado em cursos e materiais didáticos.

#### **5.4 CULTURA SURDA E IDENTIDADE**

A comunidade surda é reconhecida, no campo dos Estudos Surdos, como um grupo cultural que compartilha práticas sociais, modos de comunicação, valores e formas de perceber o mundo baseadas na experiência visual (STROBEL, 2008). Essa definição rompe com concepções biomédicas da surdez — centradas na falta ou perda auditiva — e afirma a surdez como identidade, pertencimento e cultura.

Segundo Strobel (2009), a cultura surda organiza-se em torno de pilares como:

- a) o uso da língua de sinais;
- b) o compartilhamento de narrativas surdas;
- c) a transmissão de saberes visuais;
- d) a convivência comunitária;
- e) a luta por reconhecimento e acessibilidade.

Nesse contexto, a LIBRAS não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas o centro da vida cultural surda. Por meio dela, circulam histórias, humor, afetos, resistência política e formas específicas de elaboração do cotidiano.

Bauman (2006) propõe o conceito de *Deaf Gain*, ressaltando que a experiência surda produz ganhos culturais e cognitivos que ampliam perspectivas humanas, especialmente relacionadas à visualidade e à multimodalidade. Da mesma forma, Fanon (2008), em suas análises sobre identidades oprimidas, oferece contribuições importantes para compreender como grupos historicamente marginalizados constroem estratégias de resistência simbólica — processo evidente na cultura surda e no uso criativo da LIBRAS.

Em Salvador, as comunidades da Boca do Rio e da Federação possuem características particulares que influenciam a construção identitária dos surdos locais. A Boca do Rio apresenta forte densidade comunitária, marcada por relações de vizinhança, vínculos familiares e circulação cotidiana em espaços públicos. A Federação, por sua vez, reúne estudantes, trabalhadores urbanos e jovens conectados às redes digitais, o que favorece a troca rápida de sinais novos e a formação de gírias visualmente marcadas.

A identidade surda, como mostram Lacerda (2021) e Strobel (2008), não é fixa, tampouco homogênea. É construída continuamente nas interações sociais e nos modos como a língua é usada. Por isso, compreender a linguagem coloquial na LIBRAS significa também compreender processos identitários: a forma como surdos se reconhecem uns nos outros, como demonstram pertencimento e como negociam fronteiras culturais.

O registro coloquial, analisado neste estudo, emerge como espaço central dessa identidade, pois:

- reforça laços comunitários;
  
- distingue sinalizantes fluentes de aprendizes tardios;
  
- expressa humor, afeto e ironia de modo visualmente sofisticado;

- incorpora referências culturais e territoriais;
  
- funciona como marcador de resistência à normatização linguística.

Assim, a cultura surda e a identidade coletiva não podem ser dissociadas da variação e da criatividade linguística. A linguagem coloquial, longe de ser um uso “informal demais”, constitui parte essencial da vida cultural, das redes afetivas e das práticas comunicativas das comunidades surdas de Salvador.

## 5.5 ESCREVIVÊNCIA

A escrevivência, conceito formulado por Conceição Evaristo (2008), compreende a escrita que nasce da vivência, da memória, da sensibilidade e do corpo situado no mundo. Não se trata apenas de uma escrita pessoal, mas de uma forma legítima de produzir conhecimento a partir da experiência encarnada, especialmente de sujeitos historicamente silenciados ou invisibilizados. Evaristo afirma que “escrevivência” é a escrita que emerge das dores, alegrias, lutas e trajetórias de comunidades marginalizadas — e, justamente por isso, constitui conhecimento potente e político.

Aplicada ao campo acadêmico, a escrevivência tensiona modelos rígidos de produção científica ao reconhecer que toda pesquisa parte de um lugar social e afetivo. Nesse sentido, a escrevivência não elimina o rigor metodológico; ao contrário, amplia-o, ao incluir perspectivas e saberes que não cabem em formatos puramente normativos. Na antropologia, na educação e nos estudos culturais, a valorização da experiência tem sido entendida como forma legítima de construir epistemologias situadas.

No contexto desta pesquisa, a escrevivência torna-se um fundamento metodológico e epistemológico porque a autora ocupa um lugar singular: pessoa ouvinte que cresceu na comunidade surda, tendo a LIBRAS como primeira língua (L1). Esse entre-lugar — descrito por Bhabha (1998) como *in-between* — produz uma posição identitária híbrida, que transita entre a cultura surda e a cultura ouvinte. Tal posição permite observar fenômenos linguísticos

com proximidade afetiva e cognitiva, sem perder consciência crítica sobre os limites de pertencimento.

Ao utilizar a escrevivência como abordagem, esta pesquisa:

- reconhece a centralidade da experiência na construção de conhecimento;
- legitima saberes produzidos fora dos espaços formais de pesquisa;
- permite identificar nuances da linguagem coloquial inacessíveis em estudos exclusivamente bibliográficos;
- compreende a língua como prática social viva;
- incorpora memórias e vivências sem comprometer o rigor analítico.

A escrevivência ainda faz dialogar corpo, língua e território. A autora não apenas observa a LIBRAS: ela viveu a LIBRAS, aprendeu seus ritmos, afetos e expressividades a partir de relações familiares e comunitárias. Assim, sua experiência contribui para descrever o registro coloquial não como fenômeno distante, mas como parte do cotidiano compartilhado com surdos da Boca do Rio e da Federação.

Longe de ser subjetivismo descontrolado, a escrevivência funciona aqui como ferramenta metodológica que sustenta a etnografia da língua: testemunha seu uso real, suas intensidades visuais, seus humores e suas variações territoriais — elementos que dificilmente emergiriam em contextos formais ou em observações externas.

Por isso, a escrevivência complementa, e não substitui, a teoria. Ela oferece a base experiencial que dá sentido às categorias analíticas mobilizadas neste trabalho, fortalecendo a compreensão da LIBRAS coloquial como prática cultural complexa e identitária.

## **6 DESENVOLVIMENTO / ANÁLISE**

O capítulo de análise descreve, interpreta e discute os principais fenômenos da linguagem coloquial na LIBRAS observados nas comunidades da Boca do Rio e da Federação. A análise está organizada em cinco seções, que tratam dos aspectos linguísticos, expressivos e socioculturais desse registro.

### **6.1 A LIBRAS COMO LÍNGUA VIVA: ENTRE O FORMAL E O COTIDIANO**

A LIBRAS, assim como qualquer língua natural, manifesta-se em diversos registros discursivos que variam de acordo com o contexto, a intenção comunicativa e as relações entre os interlocutores. O registro formal, amplamente presente em materiais didáticos, cursos de formação e ambientes institucionais, representa apenas uma das dimensões da língua. Já o registro coloquial — foco deste estudo — corresponde aos usos espontâneos, fluídos e altamente expressivos que emergem nas interações cotidianas da comunidade surda.

Labov (1972) afirma que o uso real da língua é inseparável dos contextos sociais em que ela circula. Da mesma forma, Bagno (2011) defende que as formas coloquiais não constituem “desvios”, mas evidências da vitalidade e adaptabilidade linguística. Aplicados à LIBRAS, esses princípios revelam que o uso cotidiano da língua pelos surdos é atravessado por criatividade, economia gestual, expressividade corporal e variação territorial.

No contexto soteropolitano, particularmente nas comunidades da Boca do Rio e da Federação, a LIBRAS adquire nuances específicas que muitas vezes não aparecem em materiais formalizados. Entre jovens, sinais são abreviados, intensificados ou combinados com expressões não manuais que alteram completamente o sentido. Em ambientes de forte convivência comunitária — como escolas, praças, igrejas e espaços de socialização — o registro coloquial se torna dominante, refletindo pertencimento e identidade.

É nesse ponto que a escrita formal e a vivência se encontram: enquanto o ensino de Libras para ouvintes enfatiza o padrão normativo, os surdos que vivem a língua diariamente

constroem significados e formas de expressão que extrapolam qualquer descrição puramente gramatical. A linguagem coloquial, portanto, evidencia a Libras como língua viva — multidimensional, corpórea, territorial e afetiva.

A partir desta visão, as seções seguintes aprofundam fenômenos específicos desse registro, como intensificação de expressões não manuais, uso ampliado de classificadores, compactação fonológica, gírias locais e as diferenças observadas entre as duas comunidades analisadas.

## **6.2 INTENSIFICAÇÃO DAS EXPRESSÕES NÃO MANUAIS**

As expressões não manuais (ENMs) constituem elementos fundamentais na estrutura da LIBRAS, desempenhando funções gramaticais, discursivas e pragmáticas. No registro coloquial, essas expressões aparecem de maneira intensificada, adquirindo papel central na construção do sentido. McCleary e Viotti (2015) destacam que as ENMs funcionam como marcadores de modalidade, advérbios, afetos e atitudes — ou seja, elas carregam parte significativa da carga semântica do enunciado.

No uso cotidiano observado nas comunidades da Boca do Rio e da Federação, é possível identificar uma amplificação desses recursos, que se manifesta de diferentes formas:

- Sobrancelhas marcadamente erguidas ou abaixadas, para indicar ironia, espanto, dúvida ou intensidade;
- Movimentos de boca estilizados, que acompanham sinais coloquiais e funcionam como marcadores expressivos;
- Inclinação do tronco e da cabeça, reforçando emoção, aproximação, afastamento ou posição discursiva;

- Olhar direcionado, que marca atitude, crítica, cumplicidade ou humor.

Essa intensificação tem dois efeitos principais:

1. Economia linguística, pois as ENMs substituem explicações longas ou sinais adicionais;
2. Expressividade, uma vez que produzem camadas de sentido simultâneas, típicas da modalidade viso-espacial.

Um exemplo recorrente no registro coloquial soteropolitano é o uso de expressões faciais estreitadas — olhos semicerrados, boca ligeiramente torcida — para indicar deboche, ironia ou descrédito. Em materiais formais de LIBRAS, esse tipo de expressão não aparece registrado, mas nas interações reais entre surdos é amplamente compreendido e utilizado.

Além disso, o registro coloquial intensifica o ritmo corporal durante a sinalização. Inclinações rápidas do tronco, mudança súbita de direção do olhar e microexpressões faciais rápidas permitem transmitir valores semânticos complexos como “tô ligado”, “mentira”, “para com isso” ou “nem pensei nisso”.

Essas características demonstram que a LIBRAS coloquial não depende apenas da configuração manual dos sinais, mas de toda a corporeidade envolvida no ato de significar. Assim, a intensificação das ENMs se mostra um dos pontos mais marcantes da variação coloquial nas comunidades analisadas.

### **6.3 CLASSIFICADORES COMO FERRAMENTA DE ECONOMIA E DRAMATIZAÇÃO**

Os classificadores (CLs) são um dos recursos mais potentes da modalidade viso-espacial da LIBRAS. Eles permitem representar objetos, pessoas, formas, movimentos e

ações de maneira altamente visual e econômica. Quadros e Karnopp (2004) apontam que os classificadores desempenham funções essenciais na construção de narrativas e na organização espacial da língua.

No registro coloquial, porém, os classificadores ganham ainda mais dinamismo: tornam-se mais rápidos, mais fluidos e mais expressivos, funcionando tanto para economia linguística quanto para dramatização visual.

#### **a) Economia linguística**

Em interações cotidianas, os surdos frequentemente preferem usar classificadores a sinalizar frases completas. Em vez de descrever verbalmente uma situação, um único classificador pode transmitir:

- velocidade;
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
- forma;
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
- trajetória;
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
- intensidade;
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
- resultado da ação.

Exemplo típico observado:

Jovens da Federação usam um CL de superfície, movido bruscamente de um lado ao outro, para expressar “foi rápido demais” ou “passou voando”.

Essa construção substitui várias palavras do português e três ou mais sinais da LIBRAS formal.

### **b) Dramatização e expressividade**

Os classificadores também servem para encenar ações — fenômeno conhecido como *role shift*. No registro coloquial, essa encenação é exagerada, teatralizada, marcada pelo uso de:

- inclinação do corpo;
- expressões faciais intensas;
- mudanças rápidas de perspectiva visual;
- gestualidade ampliada.

Essa dramatização é fundamental na comunicação entre surdos, pois permite demonstrar emoções e intenções que seriam difíceis de expressar apenas com sinais “dicionário”.

Em narrações informais, principalmente:

- brigas,

- fofocas,
- histórias engraçadas,
- situações cotidianas domésticas,

Os classificadores são usados para incorporar personagens, recriar gestos de outras pessoas e construir cenas completas em poucos segundos.

### **c) Criação e adaptação comunitária**

Na Boca do Rio, observou-se o uso recorrente de classificadores para representar situações de humor envolvendo movimentações repentinas — tropeços, sustos, exageros — frequentemente combinados com expressões não manuais marcadas.

Isso cria uma espécie de “estética corporal” própria do grupo, reforçando laços identitários.

### **d) Circulação entre jovens**

Jovens de ambas as comunidades — especialmente na Federação — adaptam classificadores para memes visuais e tendências das redes sociais.

Esse processo demonstra como a LIBRAS coloquial acompanha transformações culturais contemporâneas.

## **6.4 COMPACTAÇÃO FONOLÓGICA NA LIBRAS COLOQUIAL**

A compactação fonológica é um dos fenômenos mais característicos do registro coloquial na LIBRAS. Assim como em línguas orais, em que palavras são reduzidas (“pra”, “tá”, “cê”), na LIBRAS coloquial ocorrem reduções nos movimentos, nas transições entre sinais e no espaço articulatório.

Essa compactação resulta de três estratégias principais:

### **a) Redução de movimento**

No uso formal da LIBRAS, os sinais tendem a seguir padrões definidos em dicionários ou materiais didáticos.

No registro coloquial, entretanto, surdos reduzem:

- amplitude do movimento,
- número de repetições,
- extensão do arco gestual.

Exemplo reconhecido nas duas comunidades:

O sinal SABER, normalmente articulado na testa, frequentemente é reduzido para um movimento mínimo, realizado no espaço neutro, quando inserido em frases rápidas.

Essa economia é interpretada corretamente pelos surdos porque a leitura do sentido se dá no fluxo da conversa — não de forma isolada.

### **b) Redução de ponto de articulação (PA)**

Outro processo comum é aproximar pontos de articulação para evitar reposicionamentos demorados.

Isso ocorre principalmente quando sinais consecutivos exigiriam deslocamentos grandes.

Exemplo típico:

Quando a frase inclui dois sinais na região da cabeça e, em seguida, um sinal no tórax, surdos frequentemente adaptam tudo para o espaço neutro, sem prejuízo de compreensão.

Essa prática é especialmente comum entre jovens da Federação, cujo ritmo de sinalização é acelerado pelo uso frequente de redes sociais.

### **c) Fusão de sinais adjacentes**

Quando dois sinais compartilham parâmetros semelhantes (configuração de mão, movimento ou orientação), é comum que sejam “fundidos” em um único gesto mais fluido.

Isso ocorre porque a LIBRAS, sendo simultânea, permite sobreposição de camadas informativas.

Exemplo observado:

Em narrações rápidas, sinais como PESSOA + IR são frequentemente fundidos em um único gesto que representa “alguém saiu/foi embora”, com apoio de expressões não manuais reforçando sentido.

A fusão é parte da competência linguística nativa — muito difícil de reproduzir para aprendizes ouvintes.

### **d) Motivações sociolinguísticas**

A compactação não é apenas um processo fonológico: é também uma prática sociocultural.

Entre as razões para sua ocorrência:

- fluência comunicativa: agiliza trocas rápidas;
- identidade comunitária: sinalizar “como a galera do bairro” reforça pertencimento;
- expressividade: a informação simultânea permite maior impacto visual;

- economia articulatória: evita movimentos desnecessários.

Esses fatores aproximam a compactação fonológica da noção de estilo sociolinguístico.

#### **e) Diferenças entre as comunidades**

##### **Federação:**

- maior frequência de reduções rápidas,
- gestualidade condensada influenciada por ambientes escolares/universitários,
- forte impacto de memes visuais das redes sociais.

##### **Boca do Rio:**

- compactação presente, porém menos extrema,
- movimentos ainda preservam mais a amplitude “tradicional”,
- efeitos marcados por expressividade corporal intensa, não por velocidade.

### **6.5 GÍRIAS, EXPRESSÕES LOCAIS E DIFERENÇAS ENTRE BOCA DO RIO E FEDERAÇÃO**

A linguagem coloquial na LIBRAS, assim como em línguas orais, é fortemente marcada pela criação de gírias, expressões próprias de grupos específicos e usos que variam conforme o território, a convivência comunitária e os laços sociais. Nas comunidades analisadas — Boca do Rio e Federação — esses elementos ocupam papel central na comunicação cotidiana e na construção identitária.

A seguir, apresento os principais aspectos desse fenômeno.

#### **a) Gírias na LIBRAS: inovação, juventude e circulação comunitária**

Assim como jovens ouvintes criam expressões como “é os guri”, “suave” ou “fê”, jovens surdos também produzem gírias sinalizadas, muitas vezes com forte componente visual e expressivo.

Essas gírias:

- nascem de referências culturais locais;
- circulam rapidamente em grupos de WhatsApp e redes sociais;
- são adaptadas corporalmente;
- e tornam-se marcadores identitários.

Exemplo comum observado:

Um sinal utilizado em ambos os bairros, equivalente a “massa/da hora”, combina movimento curto do polegar com expressão facial de aprovação.

Não aparece em materiais formais de LIBRAS, mas é amplamente compreendido pelos surdos locais.

Outro exemplo importante é a criação de gírias por analogia visual, nas quais um gesto do cotidiano — como gesto de “chegar junto” ou “ficar na sua” — é estilizado e transformado em sinal.

### **b) Expressões locais e territorialidade linguística**

A territorialidade influencia diretamente o modo de sinalizar.

Bairros com dinâmicas comunitárias mais densas tendem a produzir variações próprias.

#### **Boca do Rio**

- forte circulação de surdos em espaços públicos e familiares;
- convivência diária leva à consolidação de sinais internos ao grupo;
- expressões mais “teatrais”, com uso intensificado do corpo;
- gírias com referências locais (praia, vizinhança, escola pública do bairro, relações de proximidade).

#### **Federação**

- grande presença de jovens conectados ao ambiente universitário;
- influência de tendências visuais da internet;

- gírias mais rápidas, mais compactadas e mais híbridas;
- uso frequente de sinais adaptados de memes, trends e piadas visuais.

Enquanto a Boca do Rio mantém sinais que carregam traços de convivência tradicional, a Federação apresenta uma linguagem mais permeável a influências externas e globalizadas.

### **c) Estilo de sinalização e construção de identidade**

A forma de sinalizar é também uma forma de dizer “eu pertencço a este grupo”.

Surdos nativos reconhecem imediatamente:

- quem sinaliza “com a cara do bairro”;
- quem é fluente no registro coloquial;
- quem ainda está no registro formal aprendido em sala de aula.

Essa distinção funciona como marcador de identidade e pertencimento.

É comum que jovens façam brincadeiras quando alguém usa um sinal “formal” demais em situações cotidianas — assim como ouvintes brincam quando alguém fala “perfeitamente” em contextos informais.

### **d) Gírias como resistência e criatividade**

A criação de gírias e expressões próprias também funciona como prática de resistência simbólica.

Assim como aponta Fanon (2008), grupos historicamente marginalizados frequentemente constroem linguagens próprias como forma de afirmar identidade e escapar do controle normativo.

Na comunidade surda, isso se expressa por:

- criação de sinais que não estão nos dicionários;
  
- marcação de humor e afetividade exclusiva do grupo;
  
- expressões visuais que não são facilmente traduzíveis para ouvintes;
  
- uso de classificadores estilizados como códigos internos.

Assim, a linguagem coloquial é também espaço de autonomia cultural.

#### **e) Diferenças comparativas entre os bairros (síntese)**

Elemento	Boca do Rio	Federação
Ritmo	Mais teatral, movimentos amplos	Mais rápido, compacto
Expressividade corporal	Muito alta	Alta, mas mais “digitalizada”

Influência externa	Menor, mais local	Maior, influenciada por internet
Gírias locais	Ligadas ao território	Ligadas à cultura pop/memes
Perfil	Convivência comunitária forte	Juventude urbana universitária

### f) Importância linguística

As gírias e expressões locais revelam:

- a criatividade da LIBRAS;
- sua capacidade de adaptação;
- seu caráter comunitário;
- sua profunda relação com identidade e território.

Documentar essas variações não é apenas descrever sinais: é registrar cultura, memória e história da comunidade surda soteropolitana.

## 7. CONCLUSÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar o uso da linguagem coloquial na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em duas comunidades surdas soteropolitanas: Boca do Rio e Federação. A partir da escrivência da autora — que ocupa um lugar singular como pessoa ouvinte com LIBRAS como primeira língua — e da articulação teórica com estudos linguísticos, sociolinguísticos e culturais, foi possível compreender como a língua se manifesta em sua forma mais viva, dinâmica e identitária.

A análise revelou que a linguagem coloquial é composta por um conjunto complexo de recursos expressivos, envolvendo intensificação das expressões não manuais, uso ampliado de classificadores, compactação fonológica, fusão de sinais e criação de gírias e expressões locais. Esses elementos, longe de representarem desvios ou “formas inadequadas”, constituem práticas linguísticas legítimas e fundamentais para a comunicação cotidiana entre surdos. Tais fenômenos refletem a modalidade viso-espacial da LIBRAS, que permite simultaneidade, teatralidade e densidade expressiva maiores do que as encontradas em línguas orais.

Em relação às comunidades estudadas, observou-se que:

- A Boca do Rio apresenta uso da LIBRAS marcado por expressividade corporal intensa, teatralidade e forte influência da convivência comunitária cotidiana.
- A Federação, por sua vez, caracteriza-se por um estilo mais rápido e compactado, influenciado por redes digitais, juventude urbana e circulação por espaços acadêmicos.

Essas diferenças demonstram que a LIBRAS não é homogênea, mas se transforma conforme territórios, identidades e dinâmicas socioculturais. Assim, a linguagem coloquial funciona como marcador de pertencimento, elemento de coesão comunitária e mecanismo de resistência simbólica — reafirmando a cultura surda como espaço de produção de conhecimento e autonomia.

Outro aspecto relevante deste estudo é o papel da escrivência como abordagem epistemológica. Ao reconhecer a vivência da autora como parte constitutiva do processo de

produção de conhecimento, a pesquisa incorpora uma perspectiva situada, afetiva e crítica, capaz de captar nuances da língua que dificilmente emergiriam em contextos puramente formais. A escrevivência não substitui o rigor analítico; ela o expande, permitindo que o corpo, a memória e a experiência atuem como ferramentas interpretativas legítimas.

Por fim, esta pesquisa evidencia a necessidade de ampliar os estudos sobre variação na LIBRAS, especialmente no que diz respeito a registros informais. A documentação do uso real da língua é fundamental para enriquecer a formação de intérpretes, aprimorar práticas pedagógicas, orientar políticas linguísticas e valorizar a diversidade interna da comunidade surda. O registro coloquial — tão presente e tão pouco descrito — é parte essencial da língua, da cultura e das identidades surdas.

Assim, conclui-se que a Libras coloquial, presente nas comunidades da Boca do Rio e da Federação, expressa não apenas modos de falar, mas modos de viver, significar e existir no mundo. Preservá-la, compreendê-la e estudá-la é também preservar a memória, a cultura e a potência criativa da comunidade surda soteropolitana.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, H. C. **A língua de sinais brasileira: o uso do dialeto do estado da Paraíba em sala de aula.** Campina Grande: EDUEPB, 2015.

BAHBA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola, 2011.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 5. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAUMAN, H.-D. L. **Surpassing normal: The Deaf as a postmodern subject.** 2006.

BEZERRA, P. B.; MACEDO, M. S. **Sinais usados pelos adolescentes surdos do Colégio Estadual Padre Anchieta.** Revista Extensão USP, v. 9, p. 94–109, 2010.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm) Acesso em: 10 jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm) Acesso em: 10 jan. 2025.

CALLOU, Dinah. **A linguagem e seu uso: interação e variação.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

CARVALHO, Soraya Duarte de. **Aspectos históricos e socioculturais da população surda. História, Ciências, Saúde – Manguinhos,** 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/QkzPkkNgwTzG69wJKDzN66p/> Acesso em: 9 jun. 2024.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

DE L'ÉPÉE, Charles Michel. **Charles-Michel de l'Épée, o pai da educação pública para surdos.** El País Brasil, 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/24/cultura/1543042279\\_562860.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/24/cultura/1543042279_562860.html) Acesso em: 5 jun. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências.** Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção.** 3. ed. Cascavel: Assoeste, 1989.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa (Org.). **Linguagens visuais em circulação.** São Paulo: Parábola, 2021.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change.** Oxford: Wiley-Blackwell, 2008.

LOPEZ, Monica Holdorf; VERGARA, Lizandra Garcia Lupi. **Acessibilidade aos surdos em aeroportos: um estudo de caso pelo prisma de uma abordagem ergonômica.** XX Congresso Brasileiro de Ergonomia, Florianópolis, 2020.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. **Expressividade na Libras.** Campinas: Pontes, 2015.

PENSE EM LIBRAS. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/penseemlibras/> Acesso em: 20 dez. 2023.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 1996.

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua Brasileira de Sinais: Estudos Linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Júnior P. **Juventudes surdas e redes sociais.** Salvador: EDUFBA, 2022.

STOKOE, William. **Sign Language Structure.** Silver Spring: Linstok Press, 1960.

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos**. Florianópolis: Arara Azul, 2009.

STROBEL, Karin. **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Empirical foundations for a theory of language change**. In: LEHMANN, Winfred P.;

MALKIEL, Yakov (Eds.). **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95–188.